

# AS RELAÇÕES DE FORÇAS NA ECONOMIA DISCURSIVA DE UM TESTEMUNHO MIDIÁTICO

João Victor Costa Torres – (autor - UFRN)

Emili Adami Rossetti – (coautor- UFRN)

[joavictorct@gmail.com](mailto:joavictorct@gmail.com)

[emilix10@gmail.com](mailto:emilix10@gmail.com)

## Resumo

As narrativas aparentemente espontâneas expostas nos testemunhos religiosos funcionam no momento hodierno como *corpus* de algumas investigações no que toca a análise do discurso. No presente artigo, objetivamos apontar alguns efeitos de sentidos gerados a partir de um (suposto) depoimento (“Nada a Perder e não às drogas”) publicado no *blog* do bispo Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A enunciação, assinada por Marcos Vinicius de Oliveira (Londrina), veio à tona no dia 08 de setembro de 2012 e foi amplamente compartilhada nas mídias digitais. Para guiar nossa investigação, optamos por trabalhar com os pressupostos analíticos cedidos por Michel Foucault, em sua aula inaugural (1970) mais tarde transcrita no livro “A Ordem do Discurso”. É, portanto, da ordem desse escrito identificar as condições externas de possibilidades que fizeram com que esse testemunho fosse postado na mídia em questão, da mesma forma que desejamos interpretar alguns acontecimentos sugeridos por esse depoimento a partir das práticas de descontinuidade, isto é, lançar luz sobre o obscuro encadeamento enunciativo comum a qualquer ato discursivo. Não pretendo a infalibilidade analítica, desejamos ainda revelar como essa cadeia de enunciados foi teleguiada pelo jogos de forças, isto é, pelas relações de poder que excluem, interditam, rejeitam, ignoram ou legitimam as “verdades”. Mesmo temendo a redundância, é preciso lembrar que a metodologia desse exame incluí ainda a pesquisa bibliográfica e o método histórico, ferramentas presentes nos exames qualitativos e interpretativistas em geral. O caráter problemático desse tipo de análise reside exatamente na dificuldade que existe em tratar do tema religião, já que faz parte do cotidiano a confusão entre fé e instituição. Distante das questões de natureza metafísicas, o nosso interesse centrou-se no discurso como prática cotidiana real, que se efetiva na ação. Baseou-se, pois, em observar como certos efeitos de sentido estão atrelados a determinadas vontades de verdades.

## 1.0 Introdução

Assistir aos canais de televisão aberta durante a madrugada no Brasil significa um encontro inevitável com a fé. Entre o depoimento de muitas emissoras, os testemunhos de fé da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) veiculados pela Rede Record de Televisão se apresentam como gênero recorrente. Essa espécie de confissão cabal da veracidade religiosa funcionou neste artigo como um despertar para reflexão e crítica. Percebemos que os testemunhos eram uma prática do templo, isto é, do culto face-a-face e que se atualizavam frente à tecnologia. Surpreendentemente, o discurso dessas pessoas que confessavam vitórias sobre as agruras da vida se materializavam de igual forma na plataforma digital: a partir do *blog* do Bispo Edir Macedo

(<http://www.bispomacedo.com.br/>)<sup>1</sup>. O acesso e o contato com um desses depoimentos em sua íntegra (assim como a sua aceitação verificada a partir dos comentários) desaguou neste artigo.

Para desenvolver essa investigação, utilizamos como método algumas ferramentas de pesquisa como: os procedimentos de exclusão e emergência dos discursos cedidos por Foucault (2011) e a pesquisa bibliográfica. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa de cunho qualitativo, já que o exame não se restringe a números e quantificações e utilizou recursos metodológicos próprios ao procedimento do exame dessa natureza. Com efeito, nosso objetivo é sinalizar e identificar os procedimentos de exclusão, apontar os efeitos de sentido gerados pelas enunciações e ainda explorar as condições de possibilidades e os interdiscursos que fizeram o testemunho inscrito na página vir à tona.

A partir da década de 1990, além de críticas, a IURD respondeu a processos, inquéritos policiais, denúncias relacionadas a fraudes, estelionato, sonegação fiscal, charlatanismo, entre outras acusações. Tais acontecimentos que escapam à lógica e o controle da instância midiática e religiosa, de certa forma, acabam por despertar a curiosidade e o exercício investigativo por parte daqueles que estão do lado de fora, sem o olhar ou a perspectiva apaixonada comum a qualquer envolvimento. São esses indícios que instigaram e potencializaram a atividade do pesquisador para compreender a força do discurso e os seus mecanismos de construção de verdades nos meios de comunicação de massa.

## 2.0 Uma expressão de prova: o testemunho

O testemunho é uma maneira de enunciação que demonstra ou admite a existência de uma realidade com a qual o enunciador entrou em contato. Esse é, pois, levado a dizer o que viu, ouviu ou tocou. A presença do testemunho como *corpus* dessa análise esteve sempre associada ao seu caráter legitimador e autenticador da veracidade. Há autores, como é o caso de Peirce<sup>2</sup> (2000), que recolocam esse tipo de discurso como uma prova de eficácia da verdade muito mais relevante que o próprio acontecimento, sobretudo quando diz:

O testemunho é inclusive uma marca mais forte do fato do que são os próprios fatos, ou melhor, do que aquilo que é mister pensar agora como sendo as próprias aparências. (Devo ressaltar, aliás, que isto permanece assim no curso da vida, um testemunho pode convencer o homem de que ele está louco)” (PEIRCE, 2000, p. 249 - ponto 233).

Charaudeau (2006, p. 88) já havia alertado para um contrato imaginário firmado pelas mídias que equiparavam o sentimento de verdade em sua produção com as estratégias de “autenticação”, de “dizer o exato” e recorrer a “utilização de provas”. O autor, todavia, alerta também para um poder presente no exercício da linguagem. Linguagem, essa, capaz de construir um sistema moral competente no que diz respeito a criar sentimentos do que seria verdadeiro e falso, bom ou ruim, já que “os domínios linguísticos funcionam como noções de significar o verdadeiro [...] ou o falso, isto é, produzir um valor verdadeiro ou falso por meio do discurso”.

---

<sup>1</sup> No ar desde agosto de 2008, o blog está inserido no portal Arca Universal ([www.arcauniversal.com](http://www.arcauniversal.com)), também pertencente a Igreja Universal. Acesso em: 04 Jul. 2013.

<sup>2</sup>A presença das reflexões de Charles Peirce (2000) utilizadas neste artigo foram retiradas da sua obra *Semiótica com um único sentido: embasar a escolha dos testemunhos como corpus de análise*. Não pretendemos, pois, confrontar ou propor um diálogo entre os pressupostos teóricos da Análise do Discurso e a Semiótica.

O alerta de Charaudeau se encaixou na estrutura textual do testemunho verificada no *blog* do bispo, como: presença de provas, vereditos de especialistas, histórias com início, meio e fim, e, na maioria das vezes exibindo certa dramatização. Esses elementos, que funcionam como argumentos de autoridade, não foram proferidos despreziosamente. A validade e a importância deste exame almejavam verificar as interdições, os contrastes, os processos de exclusão e os critérios de seleção que funcionam como verdadeiras peneiras para que certo discurso brote e faça sentido na seara religiosa. Desde já, elucidamos que não nos comprometemos com a tentativa de desvendar a universalidade de um sentido; muito pelo contrário, não nos propomos aqui a impor uma vontade de verdade, mas sim, demonstrar uma interpretação possível para o fenômeno. Uma interpretação meramente perspectiva.

A tragédia de Édipo parece ser o registro da primeira ideia de testemunho nas práticas judiciais gregas. Na *Iliada* vamos nos deparar com o confronto entre Menelau e Antíloco em busca de uma verdade para descobrir quem afinal matou Laio. Entre acusações de irregularidades e corrupção, a prova dessa verdade é feita de duas maneiras: em um primeiro momento associada ao desafio, quando o vitorioso da batalha estaria do lado do verídico, e, em um segundo momento, a função da verdade se associou às revelações proféticas dos deuses que ganhavam voz por meio do adivinho Tirésias. Na análise da literatura, Foucault sinaliza que essa prática se tornou completa, muito embora deficitária pela falta de “alguma coisa que é da dimensão do presente, da atualidade, da designação de alguém. O testemunho do que realmente se passou” (FOUCAULT, 2012b, p. 35).

Com efeito, a história, que permanecia nebulosa em relação à verdade da morte de Laio, faz surgir a figura de dois pastores para falar sobre uma realidade até então oculta. Naquele momento o divórcio entre a opinião metafísica de Tirésias e o resultado do próprio duelo faz nascer a figura do testemunho. Os dois homens passaram a revelar fatos que o olhar mágico religioso, iluminador, ignorou. É o desfecho da trama e o encontro com a verdade. Foucault salienta:

Toda a peça de Édipo é uma maneira de deslocar a enunciação da verdade de um discurso de tipo profético e prescritivo a um outro discurso, de ordem retrospectiva, não mais da ordem da profecia, mas do testemunho. É ainda uma certa maneira de deslocar o brilho ou a luz da verdade do brilho profético e divino para o olhar, de certa forma empírico e cotidiano dos pastores (FOUCAULT, 2012b, p. 40).

Longe de tratar-se de uma fábula fantasmática, o historiador dos saberes adverte que Édipo é um personagem historicamente “bem definido, assinalado, catalogado, caracterizado pelo pensamento grego do século V” (FOUCAULT, 2012b, p. 46). Isso significa que a memória discursiva dos pastores que retinha imagens de acontecimentos diversos (os primeiros testemunhadores), passou a significar em um dado momento da vida e, o mais importante: essa memória quando expressa, poderia assumir o papel da verdade. Pela primeira vez, a veracidade estava para aqueles que não tinham poder político ou econômico (representado na história de Édipo pela figura dos pastores). Para Foucault, essa é uma das grandes conquistas da democracia grega: o direito de testemunhar. Tal conquista vai ser copiada nos demais momentos cronológicos da história do homem e claramente atualizada sob a forma do inquérito.

O testemunho foi dessa maneira sendo reatualizado não somente na seara jurídica. Ele se desdobrou para outros campos de dúvida ou carentes de elucidações. Esses tipos de narrativas encontram-se presentes em textos jornalísticos, acadêmicos, nos documentários, na literatura e constituem a peça básica para a elaboração semântica de

uma memória. O campo religioso é um dos planos que melhor acatou esses atos linguísticos hoje disponíveis também em plataformas do ciberespaço.

Uma característica dessas narrativas é a de expressar o exercício de um poder horizontal. Ora, o testemunho é proferido por um membro do rebanho e tem como alvo os iguais membros desse mesmo rebanho. É por esse motivo que, ao investigar a presença do testemunho nas instâncias midiáticas de poder, Charaudeau registrou que o personagem que testemunha achar-se-á instituído em “arquétipo social de um modelo de vida profissional (um relojoeiro, um artesão), de um indivíduo sofredor (vítima de doença, de acidentes, de extorsões), ou de comportamento extremo (herói por um dia), o que os *reality* e os *talk shows* exploram abundantemente” (CHARAUDEAU, 2006, p. 224-225).

Com efeito, podemos dizer que a presença de um determinado testemunho está associada às condições de possibilidades e de funcionamento de um determinado campo. Isto é: a erupção de um discurso não vinculado somente à vontade do interlocutor ou ao seu desejo de desabafo, mas, sim, a de um homem eleito entre tantos, digno de ser escutado.

### 3.0 A produção de uma verdade excludente

Categoricamente Michel Foucault (2011) no diz que em toda a sociedade há um controle da produção de discursividade, tal controle inclui a seleção, organização e redistribuição dos materiais simbólicos circulantes. Esses mecanismos teriam como principal objetivo dominar os acontecimentos aleatórios, seus poderes e perigos em função de uma vontade maior. Os procedimentos, denominados externos pelo autor, poderiam ser compreendidos por três princípios de exclusão: interdição, rejeição e vontade de verdade.

O primeiro estaria associado ao direito e a permissão que certos sujeitos parecem ter na efetivação da sua “liberdade” de proferir discursos, ainda ao tabu que envolve certos temas e objetos, e, por fim, ao ritual da circunstância - os três pontos podem coexistir em uma dada zona de tensionamento (se reforçando e se completando). Demonstração: a sexualidade e o seu debate dicotômico, proibido para a maioria e autorizado para o perito, como por exemplo.

O segundo princípio tem como razão de existir a marginalização, a indiferença e a separação de um certo número de vozes destituídas de força por ausência de lucidez, lógica e razão. A demonstração pode ser feita pela figura do louco, do feiticeiro e/ou da criança. Embora hoje exista uma abertura para essas enunciações, a escuta, nos alerta Foucault, é feita ainda sim, em um silêncio de censura, em um estado de alerta (psicanálise).

Finalmente, o último princípio externo de exclusão: a vontade de verdade. Essa estaria articulada com o sistema histórico e institucional capaz de impor um saber com fins também excludentes. A pedagogia, os sistemas de livros, os laboratórios e outros conjuntos de práticas discursivas são expressões à serviço desse princípio. Pressão, poder e coerção, são as palavras que Foucault utiliza para expressar a função de um saber hegemônico (fortemente articulado e alicerçado pelo dispositivo legítimo) quando é colocado sob questionamento ou mesmo, quando está tensionado com saberes marginais. Foucault preconiza:

Em nossas sociedades, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (...); é objeto,

de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (...); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidades, Exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”). (FOUCAULT, 2012b, p. 52)

Isso parece ser uma aplicação justa dos princípios de exclusão de que nos fala Foucault (2012a): um discurso que impossibilita a convivência de tantos outros que possam substituí-lo na sua função.

Sem apontar diretamente para essas forças que excluem e selecionam os discursos, Charaudeau (2006) enfatiza uma diferença. O francês tensiona e problematiza o significado das nomenclaturas: valores de verdade — construído por explicações elaboradas por meio de instrumentação científica — e efeitos de verdade — que, por sua vez, é a crença de que aquilo que se observou ou que soube que foi observado é verdadeiro. Podemos então pensar que a alternância entre o valor de verdade e o efeito de verdade são os construtores desse “direito à palavra” que se concede, uma vez que determinada vontade triunfe: “o efeito de verdade está mais para o ‘acreditar ser verdadeiro’ do que para o ‘ser verdadeiro’” (CHARAUDEAU, 2006, p. 49). Decerto isso significa que o resultado de dada experimentação sobre uma informação, obteve o valor de verdadeiro não porque coube e combinou com a essência das coisas, mas sim, por concordar com as categorias de classificação e legitimação válidas para explicar o mundo.

Aquele que domina o saber válido detém “verdade”, o poder. “Somos submetidos pelo poder à produção de verdade e só podemos exercê-lo através da produção de verdade” (FOUCAULT, 2012b, p. 279). Na atualidade, é na ciência e em seus métodos que se busca o empoderamento pela verdade, isso não significa, todavia, que não se possa contar com forças resistentes e que ainda não sucumbiram. Nas próximas linhas vamos acompanhar como essas forças negociam espaços dentro da narrativa de um testemunho.

#### 4.0 Esboço de um exercício analítico

Prestes a analisar o testemunho, informamos que utilizaremos a letra “P” acompanhada do numeral ordinal para designar o parágrafo em que a sentença necessita ser revista ou lembrada (como por exemplo: 3ºP para 3º parágrafo).

*“Nada a Perder” e não às drogas*



**Fui internado em duas clínicas  
para tratamento de reabilitação,  
mas nada me fez parar. Isso  
tudo acabou quando...**

Figura 01: testemunho publicado no dia 08.10.2012 no *blog* do bispo Macedo

1. Bispo Macedo,
2. Participar do lançamento do livro do senhor aqui na minha cidade foi um momento especial para mim. Ao esperar duas horas na fila para comprar os exemplares, lembrei de onde o Senhor Jesus me tirou. Algo falou forte comigo.
3. Desde os 15 anos, mergulhei fundo no terrível mundo das drogas. Iniciei com o uso desenfreado de maconha e, pouco tempo depois, passei a cheirar cocaína. Quando me tornei maior de idade, aos 18 anos, os vícios me lançaram de cabeça no

*mundo do crime. Como todo viciado, era capaz de qualquer atitude para conseguir drogas, mesmo roubar ou traficar. Passava madrugadas acordado, vagando de um lado para outro na rua, lutando para sustentar meu vício.*

4. *Que tempos horríveis! Gastava o que tinha e o que não tinha com todos os tipos de drogas.*
5. *Lutei para esconder esta vida arruinada até que minha mãe descobriu no meu guarda-roupa meio quilo de cocaína e um quilo de maconha, e eu tentei o suicídio.*
6. *Fui internado em duas clínicas para tratamento de reabilitação, mas nada me fez parar. Isso tudo acabou quando tive um encontro com Deus na Igreja Universal depois de travar uma intensa batalha por minha libertação espiritual. Hoje, sou livre e feliz de verdade. Descobri uma paz que nenhuma droga foi capaz de me dar.*
7. *Bispo, fui ao lançamento da biografia do senhor decidido a comprar em livros todo o dinheiro que antes gastava com drogas. Adquiri 25 exemplares de "Nada a Perder" para distribuir aos meus familiares e amigos, muitos deles ainda reféns deste vício maldito. Sei que o testemunho de fé do senhor vai ajudar todos eles a encontrarem a salvação que eu alcancei pela compaixão do Senhor Jesus.*
8. *Muito obrigado pela oportunidade! O livro é muuuuito forte!*
9. *Marcos Vinicius de Oliveira, 23 anos - Londrina, Paraná*

Como em outras narrativas desse mês de outubro, o testemunho de Marcos Vinicius está incluso em uma cadeia interdiscursiva que reflete um significado dentro do acontecimento, sempre particular. Assim como em outros testemunhos desse mesmo mês, a biografia de Edir Macedo apareceu nessa narrativa como um ponto regular. Essa obra, de igual forma, também esteve presente dentro da programação midiática brasileira, especialmente nas instâncias que estão sob o controle do bispo<sup>3</sup>. O testemunho em questão torna-se curioso se levarmos em consideração o lançamento da obra biográfica do Bispo, o livro *Nada a Perder* na cidade de Curitiba (PR), ocorrida no dia 02 do mesmo mês. Embora o testemunho nos faça lembrar uma vitrine publicitária para vender a biografia de Macedo, como observaremos em outros textos daquele mesmo mês, a elocução conta-nos ainda uma história de vida de um jovem drogado e criminoso. Certamente é preciso pontuar as condições de possibilidades para esse alerta, especialmente no que toca a questão dos entorpecentes.

No mês de junho de 2012 a Organização das Nações Unidas (ONU) decretou que a utilização da cocaína, matéria base para a produção de crack, cresceu nos últimos anos no Brasil. A comparação com outros países da América do Norte e do Sul colocou o país tupiniquim em contramão no que diz respeito à estabilidade do consumo do tóxico<sup>4</sup>. Um mês antes da publicação do testemunho, o portal G1 da Rede Globo traz matéria com o seguinte título: “Brasil é o 2º consumidor mundial de cocaína e derivados, diz estudo”<sup>5</sup>. O Último Segundo, que pertence ao site IG, também publicou matéria semelhante no dia 05 de setembro, garantido que: “País tem 2,6 milhões de usuários de crack e cocaína”<sup>6</sup>. Considerando tais resultados, é provável que tenha se instaurado no cotidiano uma atmosfera hostil e preocupante, uma vez que as mídias trouxeram à tona uma realidade social qualificada negativamente. A institucionalização dos enunciados avessos ao

---

<sup>3</sup> A rede Record, Record News, Rede Mulher e o portal R7, como por exemplo, apresentaram a cobertura do lançamento da obra.

<sup>4</sup> Ver dados no site. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/26/consumo-de-cocaina-aumenta-no-brasil-estima-onu.htm>>. Acesso em: 23 Out. 2013.

<sup>5</sup> Matéria disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/09/brasil-e-o-segundo-maior-consumidor-de-cocaina-e-derivados-diz-estudo.html>>. Acesso em: 23 Out. 2013.

<sup>6</sup> Matéria disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-09-05/brasil-e-o-maior-mercado-consumidor-de-crack-do-mundo-aponta-estudo.html>>. Acesso em: 23 Out. 2013.

consumo e ao tráfico de droga (demonstrados aqui pelo papel da ONU e da mídia) podem funcionar como mola propulsora dos processos externos de exclusão, neste caso representado pela vontade de verdade (FOUCAULT, 2011) no funcionamento das forças desta narrativa.

O título que encabeça a narrativa já demonstra uma tendência à disciplina. Em um lado extremo, detectamos a presença da obra biográfica que desautoriza e nega o seu contrário, neste caso, o consumo de entorpecentes. Isso fica claro na natureza categórica de como se organiza a sentença: “Nada Perder” e não às drogas (título). Fica evidente, dessa maneira, que a enunciação preconiza uma condição, uma postura, um perfil ideal, ao mesmo tempo em que recusa outras possíveis formas resistentes ao que se entende por politicamente correto. Essa força, como afirma Foucault (2011), “apoiada sobre suportes e um distribuição institucional tende a exercer sobre outros discursos (...) uma espécie de pressão e como um poder de coerção (idem, p.18). Se pudéssemos articular esse mecanismo disciplinador dentro de uma esfera neopentecostal, diríamos, talvez, que só a partir do título estaria deflagrado outro duelo de forças entre o sagrado, representado pelo livro de Macedo (espécie de teofania, como teorizamos no primeiro capítulo), e o profano, expresso pelo mundo, pela embriaguez, pelas substâncias narcotizantes. Um processo de exclusão evidenciado pelo tabu do objeto e concretizado posteriormente pelo saber institucionalizado na figura da igreja.

Inicialmente o depoente se revela e constrói uma imagem de si que denuncia verdadeiros modos de ser e existir dentro do campo. Marcos, desde as primeiras linhas (3º P), coloca-se como um drogado insatisfeito e compulsivo, ou seja, um viciado que gradativamente faz uso de drogas de diferentes naturezas possivelmente à procura do maior e mais eficaz efeito de satisfação. O contato com esse episódio cria efeitos de sentido que colocam toda e qualquer relação com a droga como uma experiência nefasta e perigosa (ver 3º P). Essa interdição parece configurar um discurso ortopédico. Um engessamento do significado. A narrativa, posteriormente, aproxima o consumo de entorpecente da criminalidade, endossando o discurso oculto de rejeição à embriaguez ou ainda à ingestão qualquer de substância inebriante. Podemos dizer então que o testemunho se opõe, dessa forma, às práticas do antigo mundo pagão (que elogiava a ebriedade, já que essa era capaz de levar os indivíduos a outras experiências com a realidade<sup>7</sup>) que resistem, dadas as devidas proporções, até os dias hodiernos? A Sombra de Dionísio, por exemplo (obra onde é desenvolvido o conceito dionisíaco de Nietzsche), que trata da embriaguez e do orgasmo, dentro de uma esfera além do bem e do mal, pode representar um discurso antagônico e resistente a essa perspectiva disciplinar.

Posteriormente, Marcos utiliza uma estratégia discursiva focada no desnudamento de sua memória. O passado é despido da maneira mais vil. O depoente utiliza expressões como: “vida arruinada” (5º P), “suicídio” (5º P), “mundo das drogas” (3º P), “tempos horríveis” (4º P) para expressar uma memória sombria, decadente, moribunda e vil. Os sentimentos de compaixão e misericórdia podem ser interpretados como possíveis efeitos de sentido gerados nessa descrição que só parece narrar os efeitos funestos de uma experiência “de oito anos”. Os deméritos parecem se sobrepôr às virtudes do sujeito narrador, o que acaba por criar uma atmosfera de clemência. Essa memória é então demonizada a partir de uma descrição caótica: “Lutei para esconder esta vida arruinada até que minha mãe descobriu no meu guarda-roupa meio quilo de cocaína e um quilo de maconha, e eu tentei o suicídio” (5º P). Esse tempo, com efeito, precisa ser corrigido. Essa interpretação só é possível a partir das escolhas lexicais, neste caso: “reabilitação”

---

<sup>7</sup> Em “O nascimento da tragédia” (Nietzsche) e em “A sombra de Dionísio” (Mafesolli), o tema da embriaguez é tratado longe das óticas da moral castradora e punitiva. O que se vê nas duas obras é uma experiência muito próxima ao que os autores entenderam como trágico, o trágico dionisíaco.

(6º P), “libertação espiritual” (Idem), “refém” (7º P) e “salvação” (Idem). Deleuze (2001) pontua que essa difícil digestão do passado trata-se, somente, pois, de mais uma perspectiva interpretativista dos fatos:

A imputação dos erros e das responsabilidades, a amarga recriminação, a perpétua acusação, o ressentimento, eis uma piedosa interpretação da existência. ‘É por tua culpa’, ‘é por tua culpa’, até que o acusado diz por sua vez que ‘é por minha culpa’ e que o mundo desolado repercuta todas essas queixas e os seus ecos. (Idem, p. 34).

Ainda na tentativa de retificar essa vida, o depoente deixa um rastro muito intrigante expresso num possível duelo institucional entre ciência e religião. Esse efeito pode ser constatado no enunciado: “Fui internado em duas clínicas para tratamento de reabilitação, mas nada me fez parar. Isso tudo acabou quando tive um encontro com Deus na Igreja Universal depois de travar uma intensa batalha por minha libertação espiritual” (6º P). Aqui, notadamente, podemos ver como a esfera sagrada do espiritual (representada na figura da IURD) desempenha uma força superior ao domínio científico, materializado no texto pela clínica de reabilitação. Essa relação de poder sugere, assim, que a vida precisa ser curada, todavia, curada no espírito. A alternativa exclusiva aparece na figura da IURD (com direito a um *hiperlink* que leva o internauta ao *Facebook* da Igreja), neste momento assumindo a figura de hospital. O mecanismo de exclusão utilizado está baseado na vontade de verdade, apoiada, desta vez, no suporte institucional religioso.

Finalmente, a narrativa tem seu desfecho quando Marcos compra 25 exemplares de *Nada a Perder* (7º P) no intuito de curar, transformar e modificar a vida dos seus familiares, também viciados. A compra exagerada da biografia parece configurar cada vez mais o caráter mágico e teofânico do objeto, já que essa é capaz de “melhorar” uma situação social daquele que a consome. Seria a biografia uma expressão religiosa de autoajuda ou uma nova teofania? A reconciliação e o ordenamento da vida do depoente e dos futuros consumidores de “*Nada a Perder*” demonstram como o testemunho é colonizado pelo pensamento dialético<sup>8</sup> que tem como principal objetivo solucionar e resolver uma situação desconfortável.

## 5.0 Considerações Finais

Foucault (2012) no diz que um dispositivo é uma rede heterogênea que engloba discurso, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas morais e

---

<sup>8</sup>A colonização de que falamos está relacionada a uma interpretação de Deleuze (2001) feita em cima da dialética de Hegel. Podemos pensar a dialética como um movimento de ideias que envolvem premissas (argumentos e contra-argumentos/o princípio da contradição) que sempre apontam para uma reflexão (resolução/ou busca da verdade). É o próprio Deleuze que entende o movimento de curar a vida, de transformar e converter a existência (o que elimina o seu caráter trágico) dentro do esquema citado. Platão parece ser o primeiro pensador a trabalhar com esse paradigma. Posteriormente, Hegel e Marx. A leitura de Nietzsche (2012b) sobre esses filósofos demonstra com clareza que o discurso cristão é um “platonismo para o povo”. Mas, é a interlocução de Deleuze quem avança nas conclusões sugerindo que o pensamento cristão está incluso dentro de uma perspectiva dialética. Nosso trabalho foi somente o de associar o testemunho a essa concepção.



filantrópicas dentro de um jogo de ditos e não ditos. Neste artigo, nos esforçamos para alertar sobre as forças que agem no interior do gênero testemunho, dentro dessa engrenagem, ou seja: na mecânica da estratégia discursiva afetada por todo corpo social. Observamos na narrativa que a mídia e a ONU foram forças fundamentais para que as condições de possibilidades fossem levantadas. Ambas as instâncias são evidentemente partes do aparelho que traceja o tabu do objeto (drogas). Era mister pontuar o testemunho como uma outra força integrante daquele processo, quando se pensa a composição real e objetiva do dispositivo.

A relevância do nosso trabalho está diretamente ligada a ênfase dada as estratégias de discurso, aquelas que produzem certos efeitos de sentido. As intensidades (ora expressas pelo contexto, ora expressas nos princípios estratégicos) são as verdadeiras molas propulsoras, as pilhas, que regem toda a maquinaria enunciativa do testemunho. Com efeito, os princípios de exclusão foram vitais para demonstrar como toda escolha ou organização discursiva implica em renúncias. Esses tensionamentos que resultam na fala do depoente não podem ser vistos como espontâneos, ou fruto de uma vontade individual. Lançar luz sobre esses espaços pantanosos talvez tenha sido o mérito da análise.

## 6.0 Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.  
DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto-Portugal: Rés Editora, 2001.  
FOUCAULT, Michel. A ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2011a.  
\_\_\_\_\_. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.  
\_\_\_\_\_. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012b.  
\_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. São Paulo: Graal, 2012c.  
MACEDO, Edir. Mensagens do meu blog. Rio de Janeiro: Unipro Editora, 2010.  
PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2000.

## Sites Consultados

- Blog de Edir Macedo. Disponível em: <http://www.bispomacedo.com.br/> (Acesso. 11.março de 2014).
- IG. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-09-05/brasil-e-o-maior-mercado-consumidor-de-crack-do-mundo-aponta-estudo.html>>. Acesso em: 23 Out. 2013.
- OGLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/09/brasil-e-o-segundo-maior-consumidor-de-cocaina-e-derivados-diz-estudo.html>>. Acesso em: 23 Out. 2013.
- UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/26/consumo-de-cocaina-aumenta-no-brasil-estima-onu.htm>>. Acesso em: 23 Out. 2013.

